O Papa — Defensor do Direito Internacional

ANDRADE FURTADO

A História dos nossos dias — no exímio conceito de um pensador contemporâneo — é uma série ininterrupta de desabamentos... Em face da guerra atual, bem se pode denominar, na verdade, o cenário que temos diante de nós, como a necrópole da Civilização.

O Papado, em meio de tantos escombros, constitui por si mesmo, pela sua instituição divina, por aquilo que alguém chamou o milagre da sua permanência, a mais alta afirmação do poder sobrenatural que representa.

De fato, vemos o Vigário de Cristo, do ponto de vista humano, nas condições mais precárias, que nos é dado imaginar.

Envolvem as colinas sagradas da Cidade Eterna os exércitos em luta. O Soberano Pontífice, sozinho, sem defesa e exposto a atantos perigos, ocupa o seu lugar de defensor do Direito das Gentes, revivendo as passagens épicas mais memóraveis dos anais da Humanidade.

Não ha no Universo uma voz mais autorizada para falar dos princípios da Justiça e dos postulados da Paz. Só a sua palavra — repercussão viva do Verbo de Deus — domina o fragor dos bombardeios e se faz ouvir, no seio da Cristandade, como uma mensagem do Senhor das Nações, aos que se encontram frente a frente, nos campos de batalha.

Foi sempre do Vaticano, desde São Pedro, que partiram instantes e persuasivos apelos pela fraternidade entre os homens. A tradição do Evangelho enche de glória imarcescivel os fastos da Hierarquia Pontifícia. A sublimidade do seu ensino, o adamantino quilate da sua moral, a abnegação do seu heroísmo fizeram, através da cadeia dos séculos, da Cátedra do Príncipe

dos Apostolos o último refúgio da resistência espiritual contra a arbitrariedade da fôrça.

As Encíclicas luminosas dos chefes da Igreja amontoam o mais rico patrimônio da cultura universal. Elas soerguem as inteligências às culminâncias da Verdade e fortificam os caracteres para os tremendos embates com as potências do mal.

O prodigioso efeito da coragem dos Papas consubstancia a mais nobre e salutar missão providencial do Cristianismo.

Ainda neste instante trágico, que vivemos, a figura de Pio XII, serena e impávida, relembra-nos a intrepidez de um São Leão ou de um São Gregório Mágno, a resignação mortificada e seráfica de um Pio IX ou de um Bento XV.

Sôbre os gritos de combate, paira a ressonância angelical da sua palavra taumaturga, como uma voz de alento...

Chamaram, certa vez, o Cardeal Pacelli — um mestre de estratégia. De fato, êle levou para o exercício do munus pontifical a experiência de longos anos de diplomacia. Ocupou largo tempo a primeira linha nas posições mais delicadas do ofício.

O Cardeal Gasparri, na Secretaria do Vaticano, resolveu nomeá-lo nûncio junto à Côrte da Baviéra.

Era em plena conflagração mundial. As altas rodas administrativas, em Munique, ficaram surpresas à chegada alí do vulto descarnado e ascético do enviado papal. Era bem moço ainda para mergulhar na terrível borrasca das confabulações da guerra.

Apresentou ao Kaiser o jovem legado pontifício o plano de paz que o Papa preparara, depois de ouvidos os países aliados.

Depressa, Sua Majestade Imperial se deixou influenciar, ante o aprumo e simpatia do representante da Santa Sé, não escondendo, desde logo, a sua admiração pelo fidalgo emissário. Foram suas aquelas considerações incisivas, escritas num livro de memórias:

"Pacelli é um figura distinta e agradável, de aguda inteligência e excelentes maneiras, perfeito protótipo de um eminente Prelado da Igreja Católica".

Não vingou a proposta apresentada. Mas o renome do diplomata cresceu de prestígio.

Certa noite, na confusão social reinante em 1918, um trôço da Guarda Vermelha Proletária entrou intempestivamente no Palácio da Nunciatura. A anarquia e o tumulto imperava lá fóra, nas ruas da cidade. Os espartacos, amotinados pelos líderes socialistas, não podiam esquecer, nesse momento, o arcebispo estrangeiro que, sem medo das represálias, incitava o povo bávaro a não trair a sua fé.

Penetrou o grupo desatinado, pistola em punho, pelo edifício a dentro. Eugênio Pacelli desceu as escadarias, a passo firme, e foi ao encontro dos assaltantes.

Viram diante de si, erecto, calmo, desassombrado, o próprio Nûncio, na sua batina escarlate, com a cruz de ouro a cintilar sôbre o peito.

Em meio daquela malta, revólveres apontados, Pacelli sobranceiro, olhar sorridente, disse em tom suave e imperturbável :

"Não lucrarão nada em matar-me. Procuro o bem da Alemanha".

Continuou a falar — narra o cronista — de modo compreensivo, replicando, argumentando, explicando. Em breves minutos, o seu olhar penetrante, tranquilo e dominador, havia desarmado o ímpeto dos adversários. Nenhum dêles tivera ânimo de apertar o gatilho. Sairam sem o tropel da entrada, pondo as armas na cinta, à procura da porta da rua.

Pacelli ficou, no recinto êrmo, a contemplar a debandada...

Todas as inquietações e angústias da hora tenebrosa que passa se amortecem ante a confiança na fôrça invencível dêste Chefe incomparável.

O instante mais comovente — declarou o Cardeal Gerlier, arcebispo de Lião, entre todos os acontecimentos sensacionais que sacudiram o coração da Europa, ao romper o conflito, foi aquêle em que o mundo recolheu a palavra do Papa, recordando a todos os homens e a todos os dirigentes de homens o princípio da fraternidade cristã, e oferecendo a vida pela paz entre as nações.

E' com a renúncia absoluta, dando em holocausto a pró-

pria existência, que o representante do Pastor Divino trata dos interêsses do seu dileto rebanho.

Êle oferece a vida pelas suas ovelhas! Enfrenta com doçura as tempestades desfeitas e permanece no seu redil, ainda que êle seja o seu Calvário.

O Santo Padre demonstra, assim, pelo próprio exemplo invacilável, a imensa extensão da sua generosidade.

Dir-se-ia — afirmou o Cardeal Verdier, saudoso arcebispo de Paris — dir-se-ia que o rancor entre os povos e também entre os indivíduos se estabeleceu permanentemente sôbre a terra e que o mundo nunca foi tão infeliz.

E' nesta emergência lancinante que o Papa sobe ao púlpito mais eminente do Universo — a cadeira do primeiro Apóstolo — e clama a todos os países em armas: — "E' preciso que os povos, como os indivíduos, se amem uns aos outros. Esta é a vontade de Deus!"

O espírito de fé nos destinos morais contido nesta exortação paternal exerce a maior influência sôbre a marcha dos acontecimentos.

Teve inteira razão Herriot, então presidente da Câmara Francesa, para convidar aquela assembléia, em momento tão grave, a elevar as suas homenagens livres até o Augusto Ancião que, amparado na sua energia sobrehumana, renova, em nossos tempos, a tradição dos grandes Papas, protetores da fraqueza ultrajada.

Por outro lado, Roosevelt, com o pêso da responsabilidade da presidência dos Estados Unidos, clamava, quase no mesmo instante, aos seus compatriotas, que era chegada a hora de todos se apresentarem para defender os ideais da fé e da humanidade, sôbre os quais repousam a religião, os governos e a própria cultura.

O ínclito cidadão rendia, do mesmo modo, o seu comovido tributo de apreço ao trabalho do Santo Padre, em prol do fundamento da Paz, obra da Justiça.

Na Terra de Santa Cruz, o primeiro magistrado da República também não regateia expressões de louvor ao Vigário de Cristo. O Presidente Getúlio Vargas, por ocasião da visita do Cardeal Pacelli ao Brasil, comprazia-se em apontá-lo à venera-

ção da nacionalidade, saudando-o como "sacerdote de grande relêvo moral e de largo descortino diplomático, que, nos dias difíceis em que vivemos, com a sua plavra serena e a sua ação iluminada, tem cooperado para a pacificação dos espíritos e a fraternização dos povos".

Com que expressivo vigor de linguagem rendeu S. Excia., na pessoa do Cardeal Legado, as homenagens do nosso povo à maior fôrça moral do mundo hodierno, encarnada, àquela época, na figura inconfundível de Pio XI, de quem o eminente hóspede era colaborador fiel e representante extraordinário nas plagas americanas!

Aí temos, em rápido bosquejo, delineado o painel da projeção do farol do Vaticano sôbre o mapa do mundo. Naquele rochedo, batido das ondas rebeldes, desencadeadas pelo furacão da guerra, vemos um homem de sotáina branca, orando pelos que sofrem, a definhar de dor, como um círio sôbre o altar.

Á consciência unânime de todas as raças impõem-se, evidentemente, a grandeza espiritual e a beleza moral da atitude do Supremo Guia da Cristandade. E' um fato incontrastável o prestígio do Pontificado Romano, nesta agitação profunda, que ora sacode a comunidade internacional.

O que ensina o magistério infalivel da História da Igreja? Somente Cristo pode salvar a humanidade. Somente Cristo livrará a descendência dos nossos primeiros pais dos horrores em que se abisma. E' que os homens perderam o caminho que leva do presépio ao Gólgota. Apelam para o egoísmo e o egoísmo os esmaga. Estamos assim ameaçados de perecer por onde acreditavamos viver!

A estúpida avidez do poder material, na expressão de Henri Massi, desviou a Civilização Ocidental do seu rumo milenar. O que se torna essencial — no anelo do Papa — é a sujeição dos bens terrenos e das riquezas efêmeras à vida do Espírito e da perfeição religiosa. A apostasia dos deveres insubstituíveis do Decálogo, na esfera moral, levou as criaturas à apostasia dos seus deveres cívicos, na ordem temporal. O ministério divino realiza o apostolado da reconquista dos mais belos ideais da existência, das reivindicações da alta cultura das virtudes sociais. A sabedoria divorciada de Deus, em

vez de semear a liberdade, como apregoa, atira as massas humilhadas á degredação. E' Pio XII quem o diz: — "A Ciência precisa retornar a Cristo, pois só Êle é o caminho da felicidade, da verdade e da vida, que dão ao homem a eternidade".

A política do Papa consiste em fazer o que é possível pelo prevalecimento dos direitos justos e pela reviviscência da confiança, como fator do equilíbrio internacional. A trilha da humanidade, na presente confusão, tem sido a marcha sem Deus e contra Deus. Daí as ruínas dos monumentos, das universidades, dos museus, das bibliotecas e das catedrais, atentando que não ha progresso capaz de resistir á conspiração das trevas. Para reconstrução de tôdas as Tróias e Cartagos do mundo incendiado é necessário, previamente, levantar sôbre a terra o padrão da paz verdadeira, a paz de Cristo no reino de Cristo.

E' êste o augúrio do Papa que enche de lágrimas os olhos dos que, mesmo de longe, fitam o teatro sinistro e inglório de tão abominável barbaridade.

Em meio desta caliginosa hecatombe, bem se compreende que a autoridade do Papa — defensor do Direito Internacional — assume o mais elevado alcance.

Nunca, tanto como nesta calamitosa conjuntura, se viu mais claramente que os esforços da Santa Sé estão postos a serviço da causa da liberdade e da justiça. Os seus atos são inspirados pelas necessidades extremas dos que pedem assistência sobrenatural para tão ilimitadas provações.

Sua Santidade trabalha continuadamente, não para êxito de qualquer das parcialidades, mas para intensificação da vida cristã, para a defesa da sociedade, contra os males das concepções naturalísticas, para a vitória da concórdia, pela união da família humana.

Daí podemos assegurar que, presentemente, não obstante a política separada de Deus, a autoridade pontifícia aparece-nos, antes de tudo, não como um poder compressivo, mas, qual o oráculo tutelar que lembra às almas, em todas as latitudes, o seu destino imortal, a pairar muito acima das dissenções transitórias e facciosas.

Os governos modernos, quaisquer que sejam as suas tendências, já devem estar convencidos, por experiência feita, que

não é possível desligar a consciência dos fiéis dos laços de submissão e de amor ao Pai Comum. Não se trata de um passado longínquo,em outras condições de organização política, quando as coroas se submetiam reverentes à Tiara. A atitude de Pio X, por exemplo, na questão francesa, ao tempo da Lei da Separação, revela a importância decisiva de um gesto do Santo Padre.

As encíclicas de Pio XI, condenando o nazismo pagão e a doutrina ateística dos Soviets demonstram que o Vaticano é, hoje como outrora, o reduto de combate contra todos os erros e sofismas, atentatórios dos princípios jurídicos, em que se baseiam as instituições da justiça e da liberdade.

No meio do cataclismo sem precedentes, que abala os alicerces do globo, as acusações irrogadas ao Soberano Pontífice, de que se acha inativo, caem por terra, sem a menor repercussão. No século XX, Pio XII não pode desempenhar o papel de punidor dos provocadores de guerras contra os povos fracos, como na Idade Média sucedia em relação aos príncipes culpados Nem por isso, o grande Papa, à semelhança de Bento XV na última conflagração, se despojou da sua tradicional prerrogativa de exercer, em larga escala, as obras de beneficência, em favor das populações oprimidas. As iniciativas em proveito dos emigrantes internados, dos feridos e dos prisioneiros, atraem sob Sua Santidade a gratidão imperecível dos povos.

Não houve, nesta função primordial de benemerência do Papado, qualquer solução de continuidade através de tantos sofrimentos em todas as fases da existência humana. Os antecessores do Pastor Angêlico moviam cruzadas contra os mouros, excomungavam os reis cruéis e instituiam tesouros para o resgate dos cativos de guerra.

Pio XII realça a memória dos seus venerandos antecessores, tudo empenhando para socorrer as vítimas da barbárie rediviva. Servindo-me da imagem de notável observador dos fatos atuais, sob o seu pontificado, como nos recuados tempos de um Santo Inácio de Antioquia ou de um São Dionísio de Corinto, verdadeiramente se pode afirmar, sem contradita, que a Igreja Romana preside à caridade! Com que profunda tristeza se desdobra aos nossos olhos o panorama de dor, no meio do qual se destaca o perfil do Vigário de Cristo, curvado ao pêso

de tão tremenda cruz — o martírio de milhões de fiéis, atingidos por uma desgraça que não merecem!

A compensação para as amarguras do coração do Papa está, precisamente, no apostolado de bênçãos que derrama a mancheias sôbre a mísera humanidade. Pio XII, com efeito, transforma todos os instantes do dia numa fonte perene de consolações para tantos desafortunados que têm o pensamento constantemente erguido para as colinas da Urbe Sagrada.

Sentenciou o insuspeito historiador Mommsen que não se pode imaginar Roma sem um idéia universal, e a única idéia universal, existente em Roma, é a que irradia do Vaticano...

Lá está, no julgamento magistral de Guizot, a condição imaterial do Direito resultante da independência e universalidade do Papado.

Foi o embaixador do Brasil junto à Santa Sé, Sr. Carlos Magalhães de Azeredo, num discurso perante o Corpo Diplomático, depois da assinatura do Tratado de Latrão, que afirmou esta verdade lapidar:

"Desde 1870, as relações diplomáticas entre a Santa Sé e os governos seculares permaneceram para o Papa como o sinal peremptório, irrecusável, visível da sua soberania".

Os Pontífices Romanos, de fato, continuaram a exercitar a sua autoridade suprema, como outrora, ainda que os poderes de soberania não fôssem delegados aos seus ministros. O Papado, conforme nos ensina Yves de la Brière, nunca perdeu o seu cunho de soberania, perante o Direito Internacional, mesmo quando desprovido das garantias simbólicas e jurídicas de um pequeno Estado autônomo. Era o interêsse público, o bem geral das nações, que chancelavam esta exigência universalmente discernível. Jamais lhe faltou, sem dúvida alguma, qualidade oficialmente reconhecida para tratar de igual a igual, com os chefes dos governos constituídos, no concêrto das potências livres. Aí vemos um privilégio autêntico da soberania. Não se concebe, sem detrimento das relações internacionais, o Chefe da Igreja subordinado aos poderes coercitivos de um Estado qualquer.

Sua jurisdição sem limites, no campo espiritual, estende-se a todos os países. A plenitude pastoral choca-se, necessariamente, com a subordinação civil a extranhas soberanias. O Di-

reito das Gentes, tendo em vista a comunidade compacta de milhões de fiéis e a hierarquia eclesiástica uniformemente exemplar, reconhece ser a soberania pontifical um atributo à parte do que se chama, propriamente, o poder religioso. E' antes, como doutrina emérito publicista, uma consequência histórica e institucional daquele poder religioso, ao mesmo tempo espiritual e universal.

O certo é que, no decurso das idades, Deus não retira a mão da sua obra! No meio das mais árduas circunstâncias, através de todas as vicissitudes, prósperas ou adversas, que rodeiam a barca do Pescador, como ondas tranquilas ou revoltas, o Senhor vai fornecendo pilotos adequados às exigências do tempo. O timoneiro resoluto que ora está de pé sôbre o afoito lenho é indicado pela confiança do Alto para tão crespas eventualidades.

Conta George Goyau que o Cardeal Pacelli, num sermão em Lisieux, repetiu as palavras de uma prece de Santa Teresinha: — "Senhor, fazei que ninguém se ocupe de mim, que eu seja pisado aos pés, esquecido como um grão de areia".

Uma Carmelita daquele célebre convento do norte da França, perfumado ainda pelas virtudes da mimosa violeta do Menino Jesus, sentiu a forte impressão daquelas palavras. Ao receber as despedidas do Cardeal, que alí fôra como Legado Pontifício, louvou o desejo de humildade do preclaro orador. Ser um simples grão de areia!

"O nosso — disse a Sua Eminência a ousada religiosa — seria ver-vos Papa, no dia em que não tivéssemos mais Pio XI".

O Cardeal, baixando a fronte cismadora, respondeu: — "Ah! Eu não tenho outra preocupação senão morrer"...

O homem põi e o Conclave, onde paira o Espírito, dispõi... Aquele que voluntariamente, no mais humilde recolhimento dalma, anelava apenas preparar-se para a morte, foi posto pela vontade de Deus, em momento crítico da História, ao leme do batel de Pedro. Êle é, já agora, o intérprete do Céu, junto à Terra.

Para servir-me da eloquete metáfora do seu laureado biógrafo, faz ouvir, nas horas solenes que estamos percorrendo, as retumbâncias do Sinai e os ecos do Sermão da Montanha.

Vemo-lo, dêste recanto cristianíssimo da Pátria, onde uma parcela da família nacional, por feliz iniciativa do nosso querido e benemérito Arcebispo Metropolitano, presta o mais fervoroso testemunho de solidariedade católica e de afeto filial ao excelso Pontífice, vemo-lo a erguer para o Céu, como advogado e medianeiro do gênero humano, o Cordeiro Imaculado, em desagravo dos crimes do Mundo!

Pio XII afigura-se-nos o restaurador da idéia de Justiça, como norma da Paz!

Pax Justitiæ opus !

O triunfo, por que se bate, do primado do Direito sôbre o gênio do Mal, raiará, como aurora fulgente, após a caliginosa noite desta tragédia da violência e da tirania.

Tanto sangue e tantos sacrifícios não ficarão estéreis, perante a Infinita Misericórdia!

Aos nossos olhos, a missão do Santo Pontífice, gloriosamente reinante, se torna cada vez mais singular, ante a bondade humana e a predestinação divina do seu pontificado, a disparzir graças celestiais no meio de tão extensos infortúnios.

Bendito seja Deus, por haver suscitado, neste período catastrófico do itinerário do universo, o herói do Amor para vencer a doutrina do Ódio.

Pio XII recebeu a vocação especial de apaziguar as lutas de destruição e de morte, indicando a todas as gentes o caminho da fraternidade e da vida!

O suave desígnio dessa política de penetração evangélica enche de fascinantes fulgores a galeria dos Pontífices Romanos.

A sua caridade, nascida do Coração de Cristo, é mais poderosa para exterminar a guerra do que as espadas que são brandidas nos campos de batalha.

Nas suas armas heráldicas destaca-se uma pomba de prata, trazendo ao bico o ramo da oliveira. E' o anúncio celestial da sobrevivência do Direito sôbre o despotismo anti-cristão.

Confiamos que, precisamente nestes dias, em que o Ceará rende tão vibrante e sincero preito de veneração a Pio XII, quando o mundo inteiro glorifica o sucessor de Pedro, aplaudindo a fortaleza de ânimo do extraordinário propugnador dos di-

reitos da Civilização e da Liberdade, a Cidade dos Papas esteja salva dos entrechoques dos exércitos em luta.

Manifestou o Santo Padre, no seu último discurso, a segura esperança de que o berço do Cristianismo não se transformaria em teatro das operações bélicas.

Ainda nos ressoam aos ouvidos os écos da intimação de Sua Santidade, declarando, com dolorida firmeza, que quem quer que ousasse mover sua mão contra Roma, seria culpado do crime de parricídio, ante o mundo tomado de horror e ante a justiça eterna de Deus!

Nos fastos gloriosos da Igreja, uma página se escreve, neste instante, em que se repetem os prodigiosos feitos de heroismo das priscas eras cristãs.

O Papa salva Roma da destruição, opondo a túnica alva — insígnia bendita do seu ministério apostólico — às bocas de fogo que ameaçam a velha e augusta metrópole.

Do solo, onde caiu mártir o primeiro Pontífice Romano, não arredou pé o Sucessor de Pedro!

Ante aquela lição comovente de supremo desprêzo da morte, no cumprimento do dever, hão de baixar tôdas as baionetas, de emudecer todas as peças de artilharia, e, sôbre a praça aberta e evacuada, tremulará triunfante a bandeira auri-branca do Vaticano.

Só o poder de Deus, na verdade, é invencível!

Quero, em conclusão, consignar, aqui, o significativo nome, no século, daquele para quem se voltam, neste instante, todos os nossos anseios, cuidados e aplausos: — "Pacelli" — "Pax Cæli" — A paz do Céu desça sôbre nós!